

EDITORIAL

Com a edição da OLAM, vol.8, n.3, sobre o tema Gestão de Recursos Hídricos, fechamos nosso sétimo ano – de agosto de 2001 a dezembro de 2008, percorremos uma jornada que abrangeu muitos aspectos e aprendizados, contribuindo para firmar a revista no cenário nacional, e por muitas vezes, atravessando fronteiras.

Nossa intenção primeira sempre foi tornar a OLAM uma ponte ligando pesquisadores, leitores, autores, e para nossa satisfação, atingimos este objetivo durante esses anos, e ajudamos a criar ou fundamentar novas teias e redes... Hoje temos 1150 cadastrados na OLAM entre autores e leitores, segundo estatística gerada pelo SEER.

Escolhemos um tema para marcar o sétimo aniversário que falasse da vida, e assim, a idéia de uma edição sobre a gestão das águas ganhou significados além dos aspectos e questões relacionados à gestão e a conservação ambiental. Para nós, uma temática sobre os recursos hídricos significou o pensar e refletir sobre a proteção da própria Vida, das condições socioeconômicas que permitem ou restringem o acesso de segmentos da população humana à água, que regulam em muitos locais do planeta as iniquidades e vulnerabilidades ambientais, originando inúmeros dos conflitos e problemas de nossa época. Refletimos a respeito dos experimentos do Dr. Masaru Emoto (<http://www.masaru-emoto.net/english/epphoto.html>), em diferentes lugares do planeta, nos revelando outras possibilidades relacionadas à água, bastando apenas a permissão do espírito humano para perscrutarmos as dimensões do doce mistério da vida, a exemplo de um convite sobre nosso próprio autoconhecimento...

Mas aqui, faço uma pausa para lembrar os meus tempos de mestrado e as trilhas de Riobaldo e Diadorim no Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa – da transmutação das veredas de Minas Gerais às veredas do mundo. Em entrevista a Günter Lorenz, no ano de 1965, em Gênova, Rosa expressa algumas de suas impressões e sentimentos a respeito das coisas que integram a vida, revelando um pouco do significado essencial do elemento água em sua obra,

*Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. [...] Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. **Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.** (LORENZ, 1965, grifo nosso)*

E se pensarmos em águas, rios e eternidade, certamente teremos que pensar na construção de sonhos, utopias e alternativas ambientais correlacionadas aos recursos hídricos: esforços e exercícios que constantemente deverão buscar a *terceira margem do rio*, na fala de Guimarães Rosa, como um motivo a mais para os tempos que nos envolvem com seus valores e significados – passado, presente, futuro e o sempre...

Sol Karmel, dezembro, 2008 / tevet, 5769.

